

Leituras para crianças: vida e obra de quatro escritoras entre a metade do século XIX e início do Século XX

Priscila Kaufmann Corrêa*

Resumo

A pesquisa aqui apresentada encontra-se em fase inicial e lida com as histórias de vida de quatro escritoras e um conjunto de suas obras publicado entre a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX. As escritoras escolhidas são a Condessa de Ségur, Louisa May Alcott, Johanna Spyri e Maria Clarice Marinho Villac. Todas elas escreveram livros destinados ao público infantil e juvenil e, por este motivo, este estudo procura reunir e analisar o caráter educativo das obras, traçando seus paralelos e suas peculiaridades, assim como seus alcances e limites no contexto em que foram produzidos. Neste primeiro momento são apresentadas a vida e a obra de cada uma destas mulheres e inicia-se a construção de um diálogo entre suas trajetórias de vida, abrindo para reflexões possíveis para este estudo que ora se inicia.

Palavras-chave: História da Educação, Literatura infantojuvenil, Escritoras, Trajetórias de vida.

Reading for children: life and work of four writers from the mid nineteenth and the early twentieth century

Abstract

The research presented here is in the initial stage and deals with the life stories of four writers and a collection of their works published between the second half of the nineteenth century and the first half of the twentieth century. The writers chosen are the Comtesse de Ségur, Louisa May Alcott, Johanna Spyri and Maria Clarice Marinho Villac. All of them have written books aimed at children and youth, and for this reason, this study seeks to gather and analyze the educational character of the works, tracing their parallels and their peculiarities, as well as its scope and limits in the context in which they were produced. At this moment life and work of each of these women are presented and this study starts building a dialogue between their life trajectories, opening for possible reflections.

Keywords: Juvenile Literature, History of Education, Writers, Life trajectories.

Apresentação

(...) dentro de cem anos, pensei, alcançando a porta de casa, as mulheres terão deixado de ser o sexo protegido. Logicamente, participarão de todas as atividades e esforços que no passado lhes foram negados.

(...) Tudo pode acontecer quando a feminilidade tiver deixado de ser uma ocupação protegida, pensei ao abrir a porta.

Virginia Woolf

Virginia Woolf ansiava pela emancipação feminina, defendendo que as mulheres poderiam circular pelo meio social e desempenhar as atividades que desejassem, inclusive como escritoras. Para poder se dedicar ao exercício da escrita Virginia Woolf defendia que a mulher precisaria de um teto e uma renda, o que asseguraria sua independência e autonomia para circular pelo meio social, buscando inspiração para suas produções. As atividades domésticas e a dedicação à família, segundo a autora, teriam afastado as mulheres de outras possibilidades de ocupações.

Este cenário pouco alentador não impediu que mulheres em diferentes países se tornassem escritoras que alcançaram fama e obtiveram uma renda com suas produções. *Meninas exemplares, Mulherzinhas, Heidi e Clarita da pá viradas* são algumas obras destinadas aos públicos infantil e juvenil que se consagraram ao longo de várias décadas. As obras escritas pela Condessa de Ségur, por Louisa May Alcott, por Johanna Spyri e Maria Clarice Marinho Villac são consideradas clássicos da literatura infantojuvenil, posto que são publicadas, adaptadas e lembradas até os nossos dias. São livros que marcaram as leituras de muitas gerações em diferentes lugares do mundo e ainda são lembradas com saudades. Alguns livros inclusive foram transformados em filmes e séries de televisão, dando mostras da longevidade destas narrativas, sempre reinventadas.

O período de publicação das obras abrange a segunda metade do século XIX até o início do século XX, momento no qual as mulheres ganharam espaço no âmbito social, dando mostras de seu talento para a escrita. A Condessa de Ségur publicou cerca de 20 obras, das quais se destaca a trilogia composta pelos

* Endereço eletrônico: prikco@gmail.com

livros *Meninas exemplares*, *Os desastres de Sofia* e *As férias*. Louisa May Alcott também publicou diversos livros, consagrando-se com os livros *Mulherzinhas* e *Boas esposas*. Johanna Spyri, por sua vez, tornou-se célebre com as obras *Heidi* e *Heidi pode precisar do que aprendeu*. Maria Clarice Marinho Villac completa o grupo com sua trilogia *Os cinco travessos*, *Clarita da pá virada* e *Clarita no Colégio*.

O que leva as mulheres a se debruçarem sobre o exercício da escrita? O que as move no desejo de orientarem as gerações futuras acerca do comportamento esperado para o sexo feminino?

Longe de perscrutar a alma das escritoras, esta pesquisa se propõe a analisar uma coletânea de livros publicados por mulheres destinados às meninas e moças. Cada obra foi concebida em momentos e lugares diferentes, porém é possível tecer diálogos entre as publicações, destacando-se o fato de serem escritas por mulheres, possuírem protagonistas femininas e serem destinadas ao público infantil e juvenil, mais especificamente às meninas e moças. Cada obra carrega em si os valores e ideais que circulavam pela sociedade no período em que foram publicados, permitindo investigar também as relações sociais que estavam em jogo.

Trata-se de um estudo que se encontra em sua fase inicial e este texto se propõe a ser um ensaio que busque refletir sobre os primeiros passos desta pesquisa. Neste sentido as ideias aqui esboçadas não são conclusivas e se abrem para novas possibilidades de reflexão.

Mulheres escritoras: quatro trajetórias de vida

Este estudo partiu de uma indagação acerca dos livros escritos pela Condessa de Ségur, Louisa May Alcott, Johanna Spyri e Maria Clarice Marinho Villac, que se apresentavam como livros desejáveis para a leitura de crianças e jovens, principalmente do sexo feminino. A publicação destas obras até nossos dias indicam que ainda existem valores e elementos morais considerados adequados nestes romances. Além disso, o fato de todos estes livros terem sido escritos por mulheres em momentos históricos que começavam a abrir a possibilidade para a profissionalização feminina aponta para um possível diálogo entre estes livros.

Apesar de terem sido publicados em países diferentes e momentos distintos, os livros possuem elementos em comum, posto que todos eles têm meninas como protagonistas e que se destinavam aos públicos infantil e juvenil. Mesmo tendo sido publicadas no exterior, tais obras chegaram ao Brasil, seja em suas versões originais, seja em edições traduzidas. Neste

sentido, o estudo destas obras carece também de uma investigação sobre a sua circulação, os caminhos que percorreram até chegarem aos seus leitores e leitoras e as políticas das editoras para a divulgação destes impressos.

Entretanto, a mera reflexão acerca dos livros e seu conteúdo não se apresenta como uma possibilidade muito profícua à pesquisa. O estudo da trajetória de vida de cada uma das escritoras e a compreensão do que as levou a se dedicarem à literatura permitirão uma análise mais aprofundada das obras e a construção de um diálogo que busque aproximações entre estas mulheres e suas obras, sem desprezar suas peculiaridades. A breve apresentação da vida e dos livros de cada escritora se mostra necessária neste ensaio.

Esta análise inicia-se pelos livros da Condessa de Ségur, que deixou um legado considerável para seus netos e jovens leitores. Sophie Rostopchine nasceu em São Petersburgo, na Rússia, no ano de 1799. Segundo relatos, sua infância teria sido marcada pelo rigor da educação familiar, inclusive com castigos físicos. No ano de 1817 a família Rostopchine precisou fugir da Rússia, exilando-se na França. Após dois anos a jovem Sophie se casou com Eugène de Ségur, com quem teve oito filhos (LEÃO, 2007, p. 05).

A carreira de escritora começou aos 58 anos de idade, quando já tinha 19 netos, a quem dedicava suas obras. Seu primeiro livro intitulado *Os novos contos de fadas*, foi lançado em 1856 pela Editora Hachette. Desde 1852 o editor Louis Hachette possuía uma rede de livrarias nas estações de trem, que comercializava a coleção *Bibliothèque de chemins de fer*. O marido de Sophie era presidente da Companhia das Estradas de Ferro do Leste e autorizou o editor a implantar suas livrarias nas estações. Foi também Eugène que apresentou a esposa a Louis Hachette.

A partir de 1856 Sophie de Ségur passou a produzir livros compor a *Bibliothèque Rose*, coleção destinada ao público infantil e juvenil que se tornou independente da *Bibliothèque des chemins de fer*. A Condessa contribuiu com vinte obras para a *Bibliothèque Rose*, tornando-se uma escritora célebre entre as crianças e jovens.

Desta coleção será selecionada, para esta pesquisa, a assim chamada “Trilogia de Fleurville”, que traz as personagens que marcaram a obra da escritora. A trilogia é composta pelos títulos *As meninas exemplares*, *Os desastres de Sofia* e *As férias*. Os dois primeiros livros foram publicados simultaneamente em 1858, enquanto a terceira obra foi lançada no ano seguinte. As principais personagens das três histórias são as irmãs Camila e Madalena e suas amigas

Margarida e Sofia. Esta última personagem comete muitas travessuras e vivencia muitas tristezas com a perda dos pais.

Em *As meninas exemplares* o leitor é apresentado às irmãs Camila e Madalena, crianças que nunca brigam e vivem em perfeita harmonia. Elas vivem com a mãe viúva, Mme. de Fleurville e ajudam a resgatar Mme. De Rosbourg e sua filha Margarida de um acidente de carruagem. As duas passam a morar com a família de Fleurville e Margarida inicia um esforço para se tornar tão virtuosa e obediente quanto suas amigas.

As meninas recebem a visita de Sofia, uma órfã que mora com sua madrasta, Mme de Fichini, que a maltrata e espanca. A madrasta viaja à Itália e deixa Sofia sob os cuidados de Mme de Fleurville e Rosbourg. A menina inicia um percurso de aperfeiçoamento moral, no qual ela aprende a ser mais comedida e obediente. Durante este percurso ela já não sofre castigos físicos. Mme de Fleurville adota a postura de tutora e a menina aprende a refletir sobre seus erros e se arrepender sobre seus atos. Um momento significativo da narrativa se dá quando Sofia se recusa a doar uma parte da geleia de cereja que as meninas preparariam para uma senhora humilde e seus seis filhos. A discussão leva a uma briga entre Sofia e Margarida, que começam a se agredir. Camila e Madalena procuram impedir as amigas e Mme de Fleurville decide levar Sofia ao gabinete de penitência para copiar o Pai Nosso dez vezes. A menina destrói tudo o que encontra, mas, após este acesso de raiva, acaba se arrependendo. Ao ser informada que não levaria uma surra, mas que continuaria naquele gabinete, a menina pede perdão a Mme de Fleurville.

Sofia passa a morar na casa de Fleurville, pois sua madrasta voltou a se casar e não poderia ficar com a menina. O passado de Sofia é revelado em *Os desastres de Sofia*, no qual são narradas as travessuras da menina de quatro anos, quando ainda morava com os pais. Em *As férias Sofia* também relembra seu passado, o falecimento de seus pais e reencontra o primo, Paulo, que julgava ter perdido numa viagem de navio que fazia com seus pais. Nesta obra também aparecem os primos de Camila e Madalena: Léon, Jean e Jacques.

A formação do menino Paulo pelo pai de Margarida, Sr. Rosbourg, delineia a necessidade da fé católica. Ambos conseguiram se salvar vivendo em uma ilha habitada por selvagens e a fé se mostrou um elemento que os diferenciava da tribo e fortalecia sua esperança em retornar. Nesta obra o aspecto religioso é mais evidente do que nas anteriores.

Com relação às obras da Condessa, Nelly Novaes Coelho (2010a, p. 201) coloca que elas “revelam um mundo onde tudo deve funcionar harmoniosamente, desde que cada indivíduo permaneça em seu lugar e atue com honestidade, entusiasmo e devoção aos que lhe são superiores”. Ao analisar a contribuição da Condessa de Ségur para a literatura infantil, Coelho se mostra bastante severa, uma vez que acredita que o “humanismo generoso” presente nos livros da autora, apesar de fomentar a generosidade, a piedade e o afeto, também incentivam a humildade, a obediência e a submissão, que não contribuem para o rompimento das desigualdades.

Reconhecendo a importância da obra da Condessa de Ségur, é preciso atentar para o potencial e as limitações de sua obra. Longe de classificar sua obra como tradicional ou inovadora, buscar-se-á analisar a trilogia de Fleurville na sua contribuição para o âmbito educacional, o que implica em uma investigação que contemple a complexidade do contexto de criação e circulação destas obras.

Além das particularidades da obra da Condessa, pretende-se, com este estudo, buscar tecer diálogos entre a trajetória de vida desta escritora e de suas colegas de profissão, como Louisa May Alcott, que publicou seu célebre *Mulherzinhas* uma década após Sophie lançar seus livros.

A obra de Louisa May Alcott apresenta um viés pedagógico, por sua experiência ao lado dos pais, Amos Bronson Alcott e Abigail May Alcott. Amos Alcott era adepto da filosofia transcendental e diretor da escola “Little Paradise”, onde eram aplicadas as ideias pedagógicas de Pestalozzi e Jefferson (COELHO, 2010a, p. 202). Abigail Alcott, por sua vez, era defensora do sufrágio feminino e da abolição.

Nascida em 1832 em Germantown, na Filadélfia, Louisa May Alcott, vivenciou as discussões filosóficas, políticas e pedagógicas de seu pai. A família de Louisa passou por diversas dificuldades financeiras, levando seu pai a instalar sua escola em locais diferentes, uma vez que suas ideias pedagógicas acabavam sendo questionadas pelos pais dos alunos, que eram retirados da instituição. Esta condição fez com que as mulheres da família buscassem o sustento por meio do trabalho. Louisa trabalhou como professora, costureira, governanta, empregada doméstica e escritora. Sua vivência doméstica inspirou-a ao campo literário, publicando novelas para adultos e terminando por dedicar-se à literatura para crianças, por sugestão de seu pai.

Seu romance *Mulherzinhas* conta a história das irmãs March; Margaret, Josephine,

Elizabeth e Amy. O livro narra um ano na vida das meninas, no qual elas trabalham e se esforçam para manter a casa junto com sua mãe, enquanto seu pai está distante, auxiliando as tropas durante a guerra civil. Durante esse percurso as meninas fazem amizade com Theodore Laurence, o menino que mora na casa vizinha.

Cria-se um forte vínculo de amizade entre as meninas, o menino e seu avô. Como a família empobreceu, as meninas precisam trabalhar, cada uma em função diferente. Meg é governanta de duas crianças, enquanto Jo trabalha como dama de companhia de uma tia abastada. Beth se dedica aos afazeres domésticos, enquanto Amy frequenta a escola. O ano das meninas se passa com bastante esforço e dedicação, valorizando o trabalho e a boa conduta moral. O desfecho se dá com o retorno do pai e o noivado de Margaret, a mais velha das irmãs.

No romance *Boas esposas* cerca de dois anos se passam após o desfecho do primeiro livro. Neste momento Meg se prepara para o casamento e sua vida em um novo lar, ao lado do Sr. Brooke, que fora preceptor de Laurence. Neste livro as irmãs tornam-se mulheres, cada qual encontrando um marido digno e dedicado, à exceção de Beth, que falece. A menina contraíra febre escarlatina e a doença a enfraqueceu. O relato de seu falecimento se mostra tocante, colocando a morte como uma passagem, para a qual a alma precisa estar preparada.

Diferentemente das obras da Condessa de Ségur, guiadas pela moral católica, os livros de Louisa May Alcott são norteados pela moral protestante. A importância do trabalho, a necessidade do aperfeiçoamento moral sem se apegar a símbolos e amuletos fazem parte do romance. Em diversos momentos as irmãs March são postas à prova, devendo escolher pelo caminho desejável.

O aspecto religioso, que envolve a fé em Deus, emerge também em *Heidi*, de Johanna Spyri. A autora nasceu em Hirzel, na Suíça, em 1827. Filha do médico Johann Jakob Heusser e da poetisa Meta Heusser-Schweizer, Johanna viveu na cidade natal até os 15 anos de idade, quando se mudou para Zurique para estudar. Anos depois ela retornou para ensinar seus cinco irmãos e auxiliar a mãe nos afazeres domésticos.

Johanna casou-se em 1852 com o jurista Joh Bernard Spyri, com quem teve um único filho, cuja gestação levou a uma crise de depressão, da qual teve dificuldades para se recuperar. A vida de casada também não se mostrou muito satisfatória. Por meio da mãe Johanna conheceu o pastor Cornelius Rudolph Vietor em Bremen, que a estimulou a escrever,

como uma terapia para dar vazão ao seu descontentamento. O pastor convenceu-a a publicar histórias em algumas gráficas da cidade. Sua primeira história “Uma folha sobre o túmulo de Vrony” foi publicado em Bremen em 1871 e tornou-se um sucesso.

Joahanna Spyri se lançou no mercado da literatura infantil com a obra *Sem casa*, no ano de 1878, porém seu grande sucesso foi seu livro *Heidi*, publicado no ano seguinte. A história de Heidi ganhou uma continuação com *Heidi pode precisar do que aprendeu*, lançada em 1881. A personagem Heidi tornou-se célebre, sendo adaptado para o cinema e para desenhos animados e traduzido para 50 línguas. Ao longo de sua vida Johanna Spyri publicou 31 livros, 27 coletâneas de histórias e quatro brochuras, deixando uma obra vasta.

Para este estudo serão analisadas as obras que têm Heidi como protagonista. No primeiro livro é apresentada a menina dos Alpes, que, sendo órfã, foi levada pela tia para morar com o avô. O avô não era bem visto pelos moradores da aldeia, vivendo afastado nas montanhas. A chegada da neta, porém, altera a rotina do homem, que a acolhe em sua casa. A menina se adapta rapidamente à nova vida, acompanhando Pedro, o pastor de cabras até os campos que servem de pastagem. O avô possuía duas cabras, que acompanhavam o menino todos os dias, junto com as outras enviadas por seus donos das aldeias.

A menina também fez amizade com a avó de Pedro, que era cega. A presença de Heidi amenizava os longos dias passados em sua frágil cabana. A menina inclusive convenceu o avô consertar a cabana, tornando-a mais resistente aos ventos.

Certo dia, porém, a tia da menina retorna para levá-la a Frankfurt, onde ela passaria a fazer companhia a Clara, que se locomove com cadeira de rodas. A menina é filha do senhor Sesemann, que, apesar das suas posses, não podia fazer a filha voltar a andar. A governanta de Clara, Tinette, não se mostra favorável à presença da visitante, uma vez que Heidi não conseguia se adaptar à rotina na cidade, longe da natureza. Além disso, os modos rústicos da menina incomodam a senhora.

A passagem por Frankfurt fragiliza a saúde de Heidi, que demonstra sentir falta da vida nas montanhas. Por outro lado, a estadia na cidade permitiu a Heidi conhecer a avó de Clara, que a estimulou a aprender a leitura e a escrita. A avó de Clara também ensinou Heidi a rezar, pedindo que Deus assegurasse o melhor caminho, mesmo que isso significasse um afastamento de seu lar nos Alpes.

Por fim, Heidi retorna para casa, por indicação do médico de Clara. A volta da menina gera mudanças na vida do avô, que passa a levar a neta para a escola na aldeia durante o inverno. A frequência à Igreja sinaliza também a reconciliação do avô com os moradores da aldeia.

Em *Heidi pode precisar do que aprendeu* Clara visita sua amiga nos Alpes. A menina passa um mês com Heidi, sob os cuidados de seu avô, que se mostra um excelente enfermeiro. A dieta à base de pão, queijo e leite de cabras e a atmosfera alpina fortalecem sua saúde a tal ponto que pode voltar a andar. O pai de Clara, Sr. Sesemann, torna-se grato ao avô, comprometendo-se a cuidar de Heidi quando o avô viesse a falecer.

As narrativas de Heidi são simples, deixando claro que o contato da menina com a natureza e o ambiente dos Alpes são vitais para sua saúde. A vida rústica nas montanhas se mostra mais desejável que a vida na cidade, cercada de casa e edifícios e distante do campo e da floresta.

A religiosidade aparece também nas obras desta autora, uma vez que a fé em Deus assegura o retorno da menina à casa do avô e convence o homem a frequentar a igreja. A moral protestante orienta a religiosidade da obra, aproximando-a dos livros de Louisa May Alcott. O aspecto moral da formação feminina perpassa os livros de todas as autoras.

Maria Clarice Marinho Villac é a representante brasileira do grupo de escritoras escolhido para esta pesquisa. A autora se utiliza de suas próprias memórias e experiência de vida para elaborar suas narrativas e apontamentos. Maria Clarice nasceu em Itu no ano de 1903. Quando criança, circulava pelas fazendas de seus avós no interior do estado de São Paulo, além de estudar como interna no Colégio Progresso Campineiro.

Casou-se com Dr. Paulo José Villac ao se formar e tornou-se escritora quando perdeu o marido aos 27 anos de idade, tendo cinco filhos para criar. O primeiro livro que publicou foi *Cinco travessos*, em 1937, pela Editora Revista dos Tribunais, com uma tiragem de 44 mil exemplares (VILLAC, 2008). O livro seguinte foi lançado em 1939, com o título de *Clarita da pá virada*. Este foi republicado na década de 1980 pela editora Fermata e, posteriormente, em 2006, pela editora Lacruce. O último livro de Maria Clarice, *Clarita no Colégio*, saiu em 1945 pela editora Cristo-Rei e foi republicado em 2008, também pela editora Lacruce.

O livro *Clarita da pá virada* relata primordialmente a vida no campo, na qual a protagonista se mostra uma criança peralta. Nesta obra, Maria Clarice narra sua infância nas

fazendas da família, apresentando seus familiares e as crianças que a acompanhavam em suas brincadeiras e confusões. A menina chega a frequentar a escola, aprendendo elementos do catecismo, a leitura e a escrita, porém o ingresso definitivo no universo escolar se dá no final do livro, quando Clarita toma o trem para Campinas, para estudar no Colégio Progresso.

Este deslocamento marca uma nova fase na vida de Clarita, deixando para trás a infância repleta de brincadeiras para dedicar-se aos estudos. O cenário primordial de *Clarita no Colégio* é o Colégio Progresso, por vezes alternado pelo espaço rural, quando a menina passa as férias nas fazendas da família. A vida no colégio não se mostra fácil, uma vez que Clarita precisa aprender a controlar seus impulsos e adequar-se às regras do internato. Seu comportamento acabou merecendo alguns castigos e muitas conversas com Dona Emília, que emerge como figura central no esforço de tornar Clarita uma menina mais obediente.

A religião católica é o elemento utilizado pela diretora para que Clarita incorpore o comportamento esperado para uma menina. A Primeira Comunhão, a Crisma e o ingresso na Pia União das Filhas de Maria são descritos como momentos cruciais na trajetória escolar da menina, que abraça a religião católica com fervor. A moralidade calcada na religião católica aproxima a autora brasileira das obras da Condessa de Ségur.

Por fim, a obra *Cinco travessos: amiguinhos de Jesus Hóstia* se diferencia dos outros dois livros por se destinar a um público diferente: as mães de família. O livro reúne os apontamentos de Maria Clarice sobre a formação de seus filhos, narrando alguns acontecimentos considerados dignos de nota. *Cinco travessos* foi publicado, como a própria autora explica, “impelida por reiteradas instâncias de algumas amigas, religiosas de uma Santa Ordem” (1956, p. 05). Na obra a “mãe brasileira” relata como buscou criar seus cinco filhos dentro dos preceitos da moral católica, estimulando-os a amarem Jesus e a realizarem sua Primeira Comunhão por volta dos cinco anos de idade.

Apesar de não ser exatamente uma obra destinada aos públicos infantil e juvenil, *Cinco travessos* permite identificar a influência da escolarização sobre a vida de Maria Clarice, que estimulou os filhos a uma vida religiosa intensa, tal qual aquela vivenciada no colégio. Estes apontamentos se mostram um registro valioso sobre o papel da mulher formada no Colégio Progresso Campineiro nas décadas iniciais do século XX. Mesmo sendo o registro de uma única

mãe, o que não possibilita generalizações, ele auxilia a compreender o que o cotidiano do internato, permeado de práticas religiosas, suscitou em pelo menos uma de suas alunas.

Maria Clarice Marinho Villac é a única escritora do século XX, que também leu os livros da Condessa de Ségur e se identificava com a personagem *Sofia*. Neste sentido, a pesquisa das trajetórias de vida das escritoras permitirá identificar aproximações e peculiaridades de cada autora, tecendo um diálogo entre estas mulheres e suas obras. Também não pode ser ignorado o caráter educativo das publicações, uma vez que se destinam a leitores e leitoras em formação.

As fontes iniciais para este estudo são os livros *As meninas exemplares*, *Os desastres de Sofia*, *As férias*, *Mulherzinhas*, *As boas esposas*, *Heidi*, *Heidi pode precisar do que aprendeu*, *Os cinco travessos*, *Clarita da pá virada* e *Clarita no Colégio*. Contudo, para conhecer a trajetória de vida da Condessa de Ségur, de Louisa May Alcott, Johanna Spyri e Maria Clarice Marinho Villac, a consulta de outros documentos se mostra necessária. Biografias, correspondências, catálogos de editoras, textos de críticos de literatura e outras fontes referentes à vida pessoal das escritoras e suas famílias permitirão compreender um universo mais amplo que levou estas mulheres a se dedicarem à escrita e o papel que desempenharam no âmbito familiar e social.

A materialidade dos livros também será analisada, uma vez que cada uma das autoras conseguiu assegurar a publicação de seus trabalhos, permitindo que circulassem em diferentes espaços. O formato dos livros, a política editorial adotada para a sua divulgação são aspectos que não podem ser ignorados e que auxiliam na compreensão do alcance das obras. Tal questão também permitirá compreender os motivos que tornariam as obras desejáveis para a leitura de crianças e jovens, especialmente do sexo feminino.

Dessa forma, buscar-se-á elaborar um amplo panorama deste conjunto de obras, investigando as condições da criação e posterior impressão, assim como sua difusão, consagrando estas obras entre a literatura para a infância e a juventude.

Percursos possíveis

Ao analisar as obras de ficção realista de Charles Dickens, Gustave Flaubert e Thomas Mann, Peter Gay (2010) sinaliza para a riqueza das publicações literárias para o historiador, que as toma como fontes, frutos de seu tempo. Diante desta possibilidade, o conjunto de livros proposto para esta pesquisa também será investigado à luz

da história. Embora se trate de obras de cunho literário, as narrativas ali traçadas fornecem elementos importantes acerca das expectativas sobre a formação da infância.

Gay argumenta ainda que a ficção é um espelho que “fornece reflexos muito imperfeitos” (2010, p. 18), e que não reflete a realidade tal como se apresenta. Isso significa que os livros em si não podem ser tomados como “testemunhos” de seu tempo e outras fontes devem auxiliar na composição dos cenários e das narrativas acerca das trajetórias de vida das quatro escritoras.

Os romances da Condessa de Ségur, de Louisa May Alcott, Johanna Spyri e Maria Clarice Marinho Villac se perpetuaram graças à sua publicação. Cabe, pois, procurar identificar as condições vivenciadas pelas autoras que permitiram que seus escritos fossem transformados em livros impressos. Também é interessante compreender os motivos que asseguraram a longevidade destes livros e sua aceitação no contexto escolar.

Uma vez que se busca analisar as trajetórias de vida, as condições da criação e da impressão dos romances, será preciso ampliar os documentos a serem utilizados para este trabalho. Conforme Peter Gay (2010, p. 24):

(...) qualquer um que avalie a evidência que um romance pode fornecer deve procurar conhecer não apenas a ficção em questão, mas seu criador e a sociedade desse escritor.

(...) Para compreender o que a ficção tem para oferecer ao pesquisador, ele deve aprender o que a fez acontecer.

Como já foi sinalizado anteriormente, outros documentos como correspondências das e para as autoras, catálogos das editoras, e fontes que ofereçam indícios sobre a vida das escritoras se mostrarão valiosos para este estudo. A compreensão da trajetória de vida de cada escritora, o contexto em que conceberam suas obras permitirão lançar novas luzes sobre suas publicações e perceber em que medida a vida destas mulheres e suas produções se entrelaçam.

O trabalho com as fontes exige um rigor metodológico que oriente o trabalho do historiador, impedindo que papéis e livros sejam encarados como provas que falam por si. Neste contexto, Thompson (1981, p. 37) afirma que:

Os fatos estão ali, inscritos no registro histórico, com determinadas propriedades, mas isso não implica, decerto, uma noção de que esses fatos

revelam seus significados e relações (conhecimento histórico) por si mesmos.

Cabe ao historiador saber interrogar suas fontes a fim de obter delas as informações de que precisa para elaborar sua narrativa. Recorrendo mais uma vez a Thompson: “A evidência histórica existe, em sua forma primária, não para revelar seu próprio significado, mas para ser interrogada por mentes treinadas numa disciplina de desconfiança atenta” (ibidem, p. 38).

Dessa forma, as perguntas que o historiador formula às suas fontes seguem uma determinada lógica e são orientadas por suas inquietações no presente. Porém, como Thompson alerta: “A evidência histórica tem determinadas propriedades. Embora lhe possam ser formuladas quaisquer perguntas, apenas algumas serão adequadas” (ibidem, p. 50).

O trabalho de pesquisa sobre Condessa de Ségur, Louisa May Alcott, Johanna Spyri e Maria Clarice Marinho Villac e suas produções exigirá uma investigação cuidadosa, elaborando perguntas que sejam adequadas aos romances e às demais fontes. Conforme Bloch (2001, p. 78):

Em nossa inevitável subordinação em relação ao passado, ficamos [portanto] pelo menos livres no sentido de que, condenados sempre a conhecê-lo exclusivamente por meio de [seus] vestígios, conseguimos todavia saber sobre ele muito mais do que ele julgara sensato nos dar a conhecer.

A noção de escala também se mostra importante a este estudo, pois ela percorre os contextos macro e micro, desde o meio social de cada escritora e amplia para os lugares pelos quais suas obras circularam, identificando em que medida se aproximam e se distanciam. Não se trata, aqui, de estabelecer se as autoras estudadas se enquadram em esquemas meramente conservadores ou inovadores, criando uma divisão estanque, mas perceber os alcances e limites das produções destas mulheres, que se dedicaram à escrita em um período no qual poucas poderiam ter esta possibilidade. Nelly Coelho (2010b, p. 19) confronta uma visão tradicional e uma visão inovadora para a literatura infantil, porém tal divisão se mostra muito limitada, já que não permite “reconhecer as circulações fluidas, as práticas partilhadas que atravessam os horizontes sociais” (CHARTIER, 2002, p.134).

Um primeiro contato com os relatos e estudos sobre a vida das escritoras permite identificar que das quatro autoras, três tiveram a

preocupação em oferecer livros de caráter educativo às crianças. Em suas obras, a Condessa de Ségur se mostrava contrária aos castigos físicos e defendia o catolicismo ultramontano, que se guiava pelas orientações do Vaticano (HEYWOOD, 2008). Os livros de Louisa May Alcott, por sua vez, relatam o aperfeiçoamento moral proposto pelo método pedagógico do pai da escritora, Amos Bronson Alcott. O método de Bronson Alcott também repudiava os castigos físicos e se apresentava como ousado, uma vez que levava os próprios alunos a refletirem sobre seus atos, buscando seu desenvolvimento cognitivo e moral (SAXTON, 1995). Os livros de Maria Clarice Marinho Villac também trazem a trajetória da protagonista, que serve de exemplo inspirador, já que a menina travessa consegue se tornar uma menina virtuosa e obediente. Tais livros concorriam com a obra de Monteiro Lobato nas bibliotecas infantis, bem como com os livros estrangeiros, como publica a *Folha da Noite* em 06 de junho de 1946.

Além disso, as três escritoras se utilizaram de suas memórias da infância para escreverem seus livros. Maria Clarice Marinho Villac relata a própria infância em seus livros, enquanto a Condessa de Ségur e Louisa May Alcott se inspiram naquele período de suas vidas para escreverem para as crianças. A lembrança da infância auxiliaria as escritoras na elaboração de seus personagens, por vezes de comportamento exemplar e, mais frequentemente, com uma postura a ser corrigida.

Também não se pode esquecer que o próprio exercício da escrita se mostrou fundamental para as quatro mulheres, por projetá-las na vida pública, fornecendo-lhes uma renda e por oferecer a possibilidade de se expressarem e liberarem de circunstâncias de descontentamento, como no caso de Johanna Spyri e de Louisa May Alcott, cuja família apresentava uma situação financeira precária.

Estes primeiros indícios levam a perceber que o diálogo entre as trajetórias das escritoras e suas obras é possível, podendo ser ampliado para permitir a compreensão de um panorama maior da condição destas mulheres nos diferentes países e a circulação de suas publicações pelo mundo, um dos fatores que permitiu a sua consagração. O relato de pesquisa aqui exposto não pode apresentar questões conclusivas, mas se inicia com a possibilidade da construção de reflexões e diálogos enriquecedores.

Fontes bibliográficas

ALCOTT, Louisa May. **Little women/ Good wives**. Londres: Wordworth Editions, 2006;

FOLHA DA NOITE. “Monteiro Lobato disputa com Walt Disney a preferência dos frequentadores da Biblioteca Infantil”, 08 de junho de 1946;

SÉGUR. Comtesse de. **Les petites filles modèles**. Casterman, 2003;

_____. **Les malheurs de Sophie**. Paris: Libro, 2000;

_____. **Les vacances**. Paris: Hachette, 2010;

SPYRI, Johanna. **Heidi**. Pöbneck (Alemanha): Carlsen Verlag, 2010;

_____. **Heidi kann brauchen, was es gelernt hat**. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <http://www.gutenberg2000.de/spyri/heidi2/heidi2.htm>, **Projekt Gutenberg - DE**, acessado em 26 de fevereiro de 2011;

UMA MÃE BRASILEIRA. **Cinco travessos: amiguinhos de Jesus Hóstia**. São Paulo: Edições Paulinas, 1956;

VILLAC, Maria Clarice Marinho. **Clarita da pá virada**. São Paulo: Lacruce Editora, 2006;

VIOLETA MARIA. (Maria Clarice Marinho Villac). **Clarita no Colégio**, São Paulo: Cristo-Rei, sem data.

Bibliografia consultada

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o Ofício do Historiador**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001;

CHARTIER, Roger. “Capítulo IV: Textos, impressos, leituras”. In: **A História cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1990;

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama Histórico da literatura infantil/juvenil**. Barueri, SP: Manole, 2010a;

Idem. **Literatura infantil: Teoria – Análise – Didática**. São Paulo: Moderna, 2010b;

COMTESSE DE SÉGUR. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: http://fr.wikipedia.org/wiki/Comtesse_de_S%C3%A9gur#mw-head, acessado em 16 de junho de 2011;

GAY, Peter. **Represálias selvagens: realidades e ficção na literatura de Charles Dickens, Gustave Flaubert e Thomas Mann**, São Paulo: Companhia das Letras, 2010;

GVIRTZ, Silvina. Alcances y limites de la investigación en la historia de la educación comparada. **História da Educação**, v. 5., n. 10, out. 2001, p. 17-30;

HAUPT, Heinz-Gerhard. “O lento surgimento de uma história comparada”. In: BOUTIER, J.; JULIA, D. **Passados recompostos: campos e canteiros da História**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Editora FGV, 1998;

HEYWOOD, Sophie. **The Comtesse de Ségur: Catholicism, Children’s Literature, and the „Culture Wars” in Nineteenth Century France**. Tese (doutorado de Filosofia da História) – Reino Unido: University of Edinburgh, 2008;

JOHANNA SPYRI. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: http://de.wikipedia.org/wiki/Johanna_Spyri, acessado em 20 de junho de 2011;

JULIA, Dominique. “A cultura escolar como objeto histórico”. In: **Revista Brasileira de História da Educação**. V.I, jan./jun. 2001, p. 9 - 43;

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Um Brasil para Crianças: Para conhecer a literatura infantil brasileira**. São Paulo: Global, 1993;

LACOMBE, Laura Jacobina. **Como nasceu o Colégio Jacobina**, Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida doméstica Ltda., 1962;

LEÃO, Andréa Borges. “A Condessa de Ségur no Brasil – Fortuna editorial e recriação literária nas Edições de Ouro”, Trabalho apresentado ao NP Produção Editorial do VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação, 2007;

LE GOFF, Jacques. “Documento/Monumento”. In: **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003, pp. 525 - 541;

LOUISA MAY ALCOTT. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <http://www.online-literature.com/alcott/>, acessado em 16 de junho de 2011;

SAXTON, Martha. **Louisa May Alcott: a modern biography**, Nova Yor: The Noonday Press, 1995;

THOMPSON, Edward Palmer. “Os filósofos e a história” e “Intervalo: a Lógica histórica”. In: **A miséria da teoria: um planetário de erros**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981, pp. 34 - 62;

VIDAL, Diana. Gonçalves. História da educação comparada: reflexões iniciais e relato de uma experiência. **História da Educação**, v. 5, n. 10, p. 31-42, out. 2001;

Idem. “Julia Lopes de Almeida e a educação no fim do século XIX: um estudo sobre o livro escolar *Contos infantis*”, **Revista Portuguesa de Educação**, 17 (1), 2004, pp. 29 - 45;

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. São Paulo: Círculo do Livro, 1990.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. São Paulo: Círculo do Livro, 1990, pp. 50-51.

Les petites filles modèles

Les malheurs de Sophie

Les vacances

Little Women

Good wives

Heidi kann brauchen, was es gelernt hat

Tradução: “Biblioteca das estradas de ferro”.

Ein Blatt auf Vronys Grab

Heimatlos

Foram consultadas diferentes edições das três obras. O livro *Cinco travessos* data de 1956, enquanto a edição de *Clarita da pá virada* é aquela publicada pela editora Lacruce, de 2006. Em virtude das supressões encontradas na publicação da editora Lacruce, optou-se pela versão original de *Clarita no Colégio*, publicada na década de 1940.

Sobre a autora:

Priscila Kaufmann Corrêa: Estudante de doutorado pela Faculdade de Educação da Unicamp (Campinas – SP) e professora da rede municipal de Vinhedo – SP. E-mail: prikco@gmail.com

